

NOS CAMINHOS DE SÃO PAULO: os sentidos da cidade nas narrativas de pessoas que sobrevivem em situação de rua¹

“O homem que cavalga por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade”

(Ítalo Calvino)

Maria Vany de Oliveira Freitas²

1 - Introdução

Este artigo consiste em um pequeno fragmento de nossa pesquisa de doutorado cujo tema privilegiou a população em situação de rua na cidade de São Paulo, no período que foi demarcado entre os anos de 1970 e 2005. Nele, apresentamos uma breve revisão bibliográfica sobre a noção de cidade, analisamos determinados sentidos que moradores de rua atribuem a São Paulo e como cultivam sentimentos de amor por esta cidade, com suas mais diversas experiências individuais e coletivas. Argumentamos que a cidade é uma construção histórica que se modifica com o transcorrer do tempo e apresentamos, a partir de narrativas de pessoas que compõem a população em situação de rua, determinadas razões pelas quais se sentiram atraídas pela grande cidade.

Procuramos demonstrar que na medida em que os moradores de rua se envolvem no emaranhado de experiências que o viver na rua lhes propicia, vão, simultaneamente atribuindo à cidade diversas significações. Muitos destes que acorrem a ela embalados por sonhos de viver decentemente acabam caindo nas armadilhas de desilusões e de desencantamentos. Tentamos mostrar, em breves considerações, que a cidade nas vozes dos narradores compõe-se de “lugares” e de elementos simbólicos que os fazem reviver o passado no tempo presente. Assim, as referências que fazem sobre vários espaços da cidade têm relevância não apenas por se tratar de espaços ocupados para a sua sobrevivência, mas, além disso, por ajudarem a suscitar a memória de diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram suas vidas

¹Texto apresentado no Simpósio Temático 088 – Múltiplas Cidades: histórias, memórias, disputas e intervenções, ocorrido durante o XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24 a 28 de julho de 2017, UNB, Brasília, DF

² Doutora em História pela Universidade de Brasília; Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Graduação e bacharelado em História pela PUC/MG. Professora na Faculdade Cambury, em Goiânia-GO.

em outros lugares. São unânimes nas narrativas, referências a lugares de São Paulo que os fazem recordar, por exemplo, de suas terras de origem e de muitas situações ali vividas.

2 - Perspectivas teóricas sobre a cidade

No percurso que fizemos sobre a vasta literatura existente a respeito da história das cidades deparamo-nos com importantes definições que nos fizeram pensar sobre a realidade das grandes cidades. Entre todas as definições encontradas elegemos como ponto de partida para pensarmos sobre São Paulo, a conceituação dada por Bresciani (1992, p.27) que trata a grande cidade enquanto lugar por excelência da forma mais acabada do individualismo verificado pela independência individual e pela diferença pessoal moldando-se por meio de critérios simplesmente quantitativos.

Este pensamento sobre a grande cidade sintoniza-se com outras construções teóricas que consideram a cidade enquanto fenômeno social que se desenvolve a partir do século XIX, quando os homens e mulheres em todo o mundo passam a compartilhar um tipo de experiência denominada de experiência da modernidade. Esta localização cronológica se explica por um conjunto de problemas práticos associados à industrialização da produção, às transformações no campo do conhecimento científico, à invenção de novos ambientes humanos que aceleram o ritmo de vida e, entre outros tantos, como assinala Berman “à descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-os pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas” (1996, p.16). A abertura de novos caminhos, o impulso para o futuro e a incessante busca da novidade, faz o conceito de moderno tornar-se sinônimo de novo. Entretanto, como esclarece Jeane Marie Gagnebin (1999,p.48), “ao se definir como novidade, a modernidade adquire uma característica que ao mesmo tempo a constitui e a destrói.”

Nesse prisma, uma das mais sugestivas referências para a elaboração de um pensamento sobre a cidade, é sem dúvida os célebres textos de Walter Benjamin. Em sua principal obra, intitulada *As Passagens*, Benjamin traça, em seu pensamento, a estrutura arquitetônica da cidade de Paris e das galerias francesas de meados do século XIX. Especialmente, nesta obra, Benjamin retoma a experiência de Baudelaire que, por sua vez, em seus proeminentes poemas reunidos em *As Flores do Mal* apresenta vários personagens, comportamentos e

acontecimentos que, nas ruas de Paris, foram vividos e contados. Entre esses, chamados de protagonistas da cidade, por Olgária Matos (2006, p.70), estão os “transeuntes, amantes, viúvas, velhos, cegos, crianças, saltimbancos, apartamentos, varandas, bordéis, prostitutas, mendigos, trapeiros, cafés, bulevares, operários, periferias”.

Ao retomarmos Benjamin e Baudelaire, nos atentamos para a necessidade de saber descortinar os sentidos dados à cidade pelos sujeitos sociais das ruas na contemporaneidade, pois como adverte WilliBolle (200, p.39), na época em que Benjamin redigiu seus retratos de cidades, as megalópoles do Terceiro Mundo ainda não existiam. Entendemos que não é possível dar à cidade, no contexto atual, o mesmo tratamento que Benjamin deu à questão das cidades, e nem foi essa nossa pretensão. O que tentamos foi reter de suas reflexões, a “atenção pelas ações e expressões dos “oprimidos”, “dos vencidos da história”, o que nos permitiu mantermo-nos atentos “às expressões de resistência, de busca de outros caminhos, de esperança, de outros mundos, também de desesperanças”, conforme esclarece Gagnebin (2015). É tentar escrever “a história a contrapelo” em sintonia com a proposta metodológica indicada por Benjamin.

Realçamos que, ainda que vivendo nas “marginais” de São Paulo, as pessoas que fazem parte da população em situação de rua, constituem e compõem uma história cuja leitura merece ser interpretada. Seus sentimentos, suas sensibilidades, seus desejos, seus anseios, suas ilusões e frustrações ou seus sonhos estilhaçados são fortemente presentes “na dimensão política da vida humana” como assinalara Cléria Botelho da Costa (2015, p.30).

No contato com a população em situação de rua, tentamos dedicar especial atenção à relação que esse grupo social estabelece com a cidade, lugar que é acentuadamente heterogêneo, diversificado, conflitivo e profundamente desigual. A busca por redefinir esse lugar, enquanto resultado do acontecer histórico, implicou na necessidade de redescobriremos os seus sentidos e significados, procurando desvendar, a partir daí, outra cidade que existe, anônima, ou “invisível”, inspirando-nos na perspectiva das “*Cidades Invisíveis*”, conforme narrativa de Calvino (1985). As *idades invisíveis* de Ítalo Calvino são metáforas construídas pelo pensamento e, simultaneamente, pela busca de sentido e significado da vida humana nos espaços onde se vive. Espaços que, são adornados de elementos simbólicos – viadutos, ruas,

praças, feiras, recantos, esquinas, igrejas, etc. – dotados de valores incomensuráveis e quase indefiníveis.

Dessa maneira, compartilhamos com a concepção de que a cidade é palco da experiência cotidiana no qual a vida das pessoas, os seus desejos, seus sonhos, os seus projetos de felicidade e as suas vicissitudes decorrem sobre o seu chão, solidificado de ‘história e de memória, de suor, trabalho e festa. “Uma experiência ambivalente, dividindo-nos entre o novo e o velho, entre a riqueza e a miséria, entre as utopias mais generosas de futuro e as profecias apocalípticas mais inquietadoras” (MIRANDA, apud FRUGOLI, 1995, p.7). Esta definição está intrinsecamente relacionada ao caráter das mudanças constantes que ocorrem na sociedade contemporânea e que se tornam sempre mais evidentes nas metrópoles.

Entendemos que construir um pensamento sobre a cidade, através das atribuições de sentidos a ela dados por pessoas que compõem grupos sociais colocados à “margem ou na periferia” – nos termos de Sousa Santos (2010) - é tarefa que impõe uma trilha de análise, a partir da qual é preciso considerar o que essas pessoas expressam sobre o que sabem do “mundo”, sobre a realidade em que vivem, a partir de sua visão ou de suas experiências no mundo vivido.

Essa perspectiva nem sempre condiz com a mesma que é vislumbrada por profissionais que projetaram os espaços urbanos e neles imprimiram suas lógicas sociais e ordenamentos físicos, objetivando o embelezamento estético das cidades. É notório que todas as elaborações teóricas acerca da cidade contribuem enormemente, de alguma maneira, para o nosso conhecimento, mas também é inegável que muitas dessas elaborações tendem a obscurecer, a tornar insignificantes e irrelevantes, ou mais que isso, a não reconhecer as formas como as pessoas em situação de rua sentem e vivem a cidade, e o grau com que elas contribuem, à sua maneira, na arte de fazê-la.

Uma arte que se manifesta no avesso da cidade convencional e que exhibe cenas desconcertantes e surpreendentes. Em São Paulo, a Praça da Sé, o Pátio do Colégio, o Largo São Francisco, os baixios dos viadutos e tantos outros espaços públicos, especialmente os que são localizados na região central, são cenários onde cotidianamente podem ser observadas situações diversas. Em nossa memória ficou o registro de várias cenas observadas ao longo do trabalho de campo, quando permanecemos horas a fio, junto com pessoas em situação de rua

em lugares como, a Praça da Sé, sob o Viaduto da Baixada do Glicério ou circulando nas proximidades do Pátio do Colégio. Queríamos ver, ouvir e sentir. Vimos de perto, ouvimos gritos, sentimos o odor desses lugares e das pessoas que ali “habitam”. As cenas observadas desconcertam, desordenam, desconstroem paradigmas e conceitos do que é ser cidade, numa megalópole como São Paulo e exibem símbolos e sinais reveladores do drama de um povo sem casa e sem nome, que vive na cidade moderna uma escuridão medonha.

Nos cobertores estendidos pelos calçadões; nos barracos de papelão erguidos nos canteiros ou em algum canto das praças e viadutos; nas roupas postas a secar, dependuradas nos galhos das plantas dos jardins; nas pessoas envoltas em cobertores, cabeça coberta, estiradas na rigidez do concreto “ao deus dará”; no sorriso tímido de três mulheres com que trocamos alguns olhares e breves palavras, ou no homem com olhar “perdido”, embriagado de solidão e de cachaça que encontramos recostado no tronco de uma árvore; no corre-corre repentino das pessoas que saíam desesperadamente a juntar seus pertences antes que os guardas municipais responsáveis pela manutenção da ordem e da estética da Praça viessem obrigá-los a recolher tudo que estava por ali espalhado e dispersá-los; ou ainda nas sirenes dos carros de polícia que circundavam esses espaços a fim de garantir a ordem no local e a segurança dos transeuntes, conforme comumente justificam suas práticas quase sempre observadas e sentidas como repressivas e truculentas, e em tantas outras inumeráveis cenas cotidianas exibidas nesses cenários, detecta-se a existência de uma outra cidade. Uma cidade que é definida por Goldsmith, (1994, p.24) por “Cidade da Miséria”, onde se explicita total destituição de direitos e perda da dignidade pública e da cidadania. Nessa cidade, conforme bem lembra Goldsmith, incluem-se além dos que sobrevivem pelas ruas, os que estão em pequenas casas em superpovoados subúrbios operários, em favelas situadas em encostas ou beiras de avenidas, em cortiços no centro da cidade. Estes enfrentam longas jornadas diárias de trabalho para receber pagamento escasso, em condições frequentemente perigosas e insalubres (ibidem).

O que teria motivado toda essa gente a buscar a cidade de São Paulo e qual a real dimensão que o termo cidade – tão empregado na contemporaneidade por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento – tem para quem nela vive e dela sobrevive? E, ainda qual o sentido que pessoas que sobrevivem em situação de rua dão à cidade? O que São Paulo possui e tão

fascinante e sedutor no imaginário dessas pessoas?É o que tentaremos analisar na próxima seção do texto.

3 - O amor à cidade embalado por sonhos e desilusões

Não é de hoje que as cidades constituem-se como espaços que seduzem a humanidade. Sabemos que esses espaços são campos inesgotáveis de conhecimentos históricos, terrenos férteis, atrativos para numerosas descobertas, continuamente passíveis de opiniões genuínas a seu respeito. As cidades são espaços onde diferentes grupos sociais estabelecem relações históricas, que, como lembra Thompson são sempre “encarnadas em pessoas e contextos reais” (2011. p.10).

Como sugere o escritor italiano Ítalo Calvino, em seu clássico romance intitulado *As Cidades Invisíveis*, publicado em 1972, as cidades são lugares imaginários que não necessariamente se limitam à determinação de formas harmoniosas, regulares ou simétricas do espaço urbano. Estão muito além dessas dimensões na medida em que se revelam subjetivas e intrinsecamente reflexivas. Assim sendo, ao tentarmos estabelecer uma analogia entre as narrativas de Calvino sobre as cidades imaginárias e uma série de narrativas das pessoas que entrevistamos refluindo suas lembranças sobre os motivos que os conduziram à cidade de São Paulo, deparamo-nos com uma espécie de telescópio que permite obter uma imagem mais ampla e surpreendente de uma cidade que está alheia, escondida, submersa e invisível. A imagem desta “outra” cidade encontra-se por detrás de palavras e de gritos emudecidos ou camuflados pelos estrondosos e avançados barulhos da metrópole, que é considerada por muitos estudiosos como pós-moderna. Os narradores, autores de tais palavras e dos referidos gritos, encontram-se, como assinalamos em outro trabalho, nos “subterrâneos da sobrevivência” (FREITAS, 2005, p.95). Não obstante encontrarem-se nesses espaços subterrâneos, costumam declarar seus sentimentos de amor e de encantamento pela cidade, como por exemplo, José Olinto de Oliveira³ declara logo que inicia a narrativa de sua história:

³ José Olinto de Oliveira nasceu em Bragança Paulista. Idade 65 anos. Escolaridade: segundo grau completo. Frequentou o SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial onde fez o curso de impressor gráfico. Afirmou estar frequentando um curso de dois anos de duração ligado ao projeto Gestão do Cotidiano na FAPICOM/SP – Faculdade de Comunicação da Paulus. A entrevista foi realizada em 29 de agosto de 2014 e teve duração de quatro horas. Local de realização da entrevista: Casa de Oração do Povo da Rua, Bairro da Luz – São Paulo. Diz ter iniciado sua trajetória de vida na rua nos inícios dos anos 2000.

“Eu nasci em Bragança Paulista. Eu só nasci. Depois eu fui criado em São Paulo e sempre, quando é possível, mesmo eu tano fora, sempre... Amo São Paulo, apesar de tudo! São Paulo pra mim é o meu centro tanto espiritual como centro humano e até como lazer. Eu acho que não tem cidade melhor do que São Paulo. E não desfazendo das outras, porque eu adoro praia e tudo mais, mas São Paulo ainda é o foco porque tem pra todos. Tem atividade pra quem não tem dinheiro e pra quem tem muito dinheiro. E todos tem como participar de alguma coisa na cidade de São Paulo.”

Dessas declarações apreende-se que à cidade São Paulo se atribui muitos sentidos. Assim, além dos que a compreendem como a cidade que mais cresce no mundo, ou como o maior centro industrial da América Latina, ela é percebida e sentida em outra dimensão. A dimensão da subjetividade, dos sentimentos, das emoções que ocupam o pensamento e a imaginação. Nessa dimensão, a cidade nem sempre é palpável e não é feita apenas de concreto e tijolo, ferragens e pedregulhos milimetricamente medidos, planejados e distribuídos conforme ação racionalizada, como comumente as cidades nos são apresentadas. Ela é cimentada no mundo das ideias, do imaginário, das percepções que são elaboradas nas práticas e vivências cotidianas dos que nela “habitam”. E dessa maneira, conforme descrição que Calvino (2003, p.19) faz sobre *“As Cidades e os símbolos”* “os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas”. “Símbolos de alguma coisa, -sabe-se lá o que’, que advertem para outros sentidos de cidade. Sentidos esses revelados nas sensibilidades dos que habitam as ruas, nas experiências de partilha e de solidariedade e nas identidades que se cultivam a partir das relações que se estabelecem nas dimensões do cotidiano.

A pesquisa que desenvolvemos junto à população em situação de rua indica pistas que nos levam a compreender que a cidade, necessariamente, precisa ser contemplada não apenas na dimensão material de sua existência, mas, além disso, na sua dimensão simbólica, uma vez que ela é impregnada de uma diversidade de signos e significados complexos e inesgotáveis da existência humana. Assim, ela é sentida como centro que transcende seus aspectos materiais – *“é centro espiritual”*, no qual a vida e as vivências cotidianas adquirem razão de ser e de existir. É, ainda, *“centro humano”*, *“de lazer”*, lugar propício à realização de ações humanas. Ela é propriamente obra da criação e da reinvenção humana.

Das palavras dos narradores da rua, apreende-se que a cidade é almejada como objeto de realização “*de sonhos*” e “*de desejos*”. Lugar para onde muitos se dirigem com a decidida ambição de perseguir e buscar construir seus ideais de “*vida melhor*”.

Assim, de forma análoga ao que ocorre, por exemplo, em relação à cidade de Zobeide, narrada por Calvino (2003, p. 47), São Paulo é vislumbrada, por muitos, como lugar onde podem instalar suas esperanças. Ambicionados pelo sonho de “*vencer na vida*”, correm de um lado a outro e partem, portanto, em busca desta cidade. Ao trazerem à tona as lembranças dos motivos pelos quais buscaram a cidade, cada qual refaz, a seu modo, o percurso de sua ambição. Assim o jovem Valter da Silva⁴ contou-nos que, em 2008, quando tinha dezoito anos de idade, deixou Pedra Azul, cidade do interior de Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha, e partiu para São Paulo, levando na bagagem a vontade de reatar seus laços com a mãe, que o deixara ainda “*muito pequeno, quando tinha uns três anos de idade*”, sob os cuidados da tia. Além disso, o rapaz que afirma ter sido sempre “*muito sonhador e ambicioso*” acreditava que, em São Paulo, iria realizar o sonho de “*ter as coisas: casa, família, dinheiro e assim poderia sair com os amigos pra vários lugares e viajar bastante*”.

Desses fragmentos, abstrai-se a ideia de uma cidade imaginada como lugar que promete a satisfação de necessidades materiais como ter dinheiro e ter casa, mas também onde se imagina poder realizar outros desejos relacionados à dimensão subjetiva da vida humana. Na continuidade da narrativa, Valter da Silva revela:

“Eu pensava que saíno daquela cidade que eu morava, tão pequena, e chegar numa cidade tão grande assim, pra mim seria um presente. Mas... até que foi um presente! Quando eu cheguei aqui eu saía muito! Gostava de vim aqui no centro de São Paulo, de ir no centro de Guarulhos, de andar bastante. É uma cidade bonita! Quando eu cheguei que eu vi esses prédios, sobe escada rolante, elevador... tudo é muito bom! Nossa! Gosto muito daqui de São Paulo ! Gosto de andar pelos lugares, ver, olhar”.

Nota-se, que a cidade como é vista na perspectiva deste narrador é adornada de um conjunto de elementos que encantam as vistas. Na medida em que se desloca de um lugar a outro, tem-

⁴ Valter da Silva nasceu em Pedra Azul – MG no dia 08 de março de 1990. Escolaridade: oitava série. Entrevista realizada em 27 de agosto de 2014 com duração de duas horas. Local de realização da entrevista: Rua Djalma Dutra, 69 – Casa da comunidade Religiosa: “O Caminho”, um dos centros de atendimento à População de rua em São Paulo, localizada nas proximidades da Casa de Oração, no Bairro da Luz. Afirma que desde que foi para São Paulo, com 18 anos, revezou experiências entre a rua e a casa da mãe, com que tinha muitos conflitos.

se a oportunidade de experimentar situações novas. A grande cidade é dotada de um movimento muito peculiar que difere drasticamente da pacata vida interiorana, e isso a muitos fascina e encanta.

Associando as metafóricas narrativas de Calvino às narrativas dos entrevistados acerca de suas percepções sobre a cidade de São Paulo, entendemos que aí também coexistem cidades que se sobrepõem umas às outras. Há a cidade real, racionalmente projetada, concretamente edificada e vivida e outras cidades imaginárias, invisíveis, desejadas, perscrutadas no mundo das ideias. A cidade real atrai por suas paisagens espetaculares, cujas imagens são refletidas numa espécie de espelho. Na medida em que tais imagens são vistas passam a impressão de uma realidade que poderia ser vivida. Entretanto, as cidades que se vêem do espelho são muito diferentes da cidade real. São apenas imagens.

Dessa forma, os narradores ao mesmo tempo em que declaram por São Paulo imenso amor, manifestam seus sentimentos de frustração e desencantamento por perceberem seus sonhos estilhaçados tal como espelhos compartimentados em mil pedaços. Valter da Silva declara: *“Mas... infelizmente numfoio que eu... num foi um dos sonhos que eu consegui realizar aqui em São Paulo.”*

Na mesma direção de busca, de procura por uma vida decente, os fragmentos captados das memórias de Milton Jesuíno de Barros⁵ também nos ajudam a pensar sobre a existência desses pedaços de sonhos que se espatifam cidade afora. Da mesma forma que outros que entrevistamos, este narrador afirma tem suas raízes fincadas há longa distância de São Paulo e já somam muitos anos vividos na cidade, desde que, junto com sua mãe e mais seis irmãos, partiram de Garanhuns para São Paulo no limiar dos 70. Um detalhe que nas lembranças de Milton nos chamou a atenção foi a referência ao tempo em que a família chegou a São Paulo: *“era época do frio”*. Além do choque térmico que a família teve que enfrentar ao deixar Garanhuns, cidade pertencente à mesorregião do Agreste Pernambucano, quando chegou a São Paulo não teve outra saída a não ser a de vivenciar outras experiências de choques.

⁵ Milton Jesuíno de Barros nasceu em Garanhuns, Pernambuco, em 27 de agosto de 1963. Escolaridade: afirmou ter freqüentado por um tempo, o MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização. A entrevista foi realizada em 28 de agosto de 2014 e teve duração de uma hora. Local de realização da entrevista: Casa de Oração do Povo da Rua, Bairro da Luz – SP.

Neste ponto, convém lembrar que a experiência vivida do choque é expressão do desencanto do homem da sociedade capitalista. Esse desencanto conforme esclarece a filósofa portuguesa, Maria João Cantinho (1992, p.118), “nasce da destruição daquilo que Walter Benjamin chamou de experiência autêntica, tendo como sua marca característica fundamental o conceito de aura”. Nesse conceito, supostamente, encontra-se a reciprocidade, o que significa que “aquilo que olhamos também nos olha e esse olhar configura-se como uma promessa de partilha, a partilha de um universo em que haja uma comunidade entre o que olha e o que é olhado” (CANTINHO, 2002, p. 119).

Entretanto, as narrativas demonstram que as experiências que os narradores vivenciam na cidade não correspondem com as expectativas que se criam em relação a ela. A vida na cidade grande acrescentou muitas outras doses de dores, angústias, perdas e decepções que antes já vinham sendo acumuladas.

Vários foram os motivos que levaram Gerciana, mãe de Milton Jesuino de Barros⁶ a tomar a decisão de cruzar as fronteiras do Nordeste do País em direção a São Paulo. Entre esses, incluía-se, de modo especial, o sonho de conseguir um tratamento de saúde de um dos seus sete filhos. “*Porque devido a uma doença dum irmão meu que era débil mental e a minha mãe foi obrigada a vender duas casas pra vim pra cá*”.

A expectativa de Gerciana de cuidar da saúde do filho em São Paulo correspondeu a mais uma das frustrações de sua vida, pois conforme narrativa de Milton⁷, o menino não teve chances de tratamento. “*Então é o que eu tavafalando com a senhora. A causa do meu irmão que era débil mental e chegou aqui, num teve tratamento porque falaro que tinha e ele morreu: Josemilson.*”

Para Gerciana, a perda do filho Josemilson associou-se a outras sucessivas perdas e muitos outros desafios simultâneos como: a precariedade do trabalho, a violência familiar, a ausência de condições decentes de moradia e a destituição de toda espécie de direitos como se pode ainda observar das declarações de Milton Jesuino de Barros:

“Acontece que quandoa gente... foi vendida a casa lá, o bendito do meu pai que era vivo, que morreu agora com sessenta e lá

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem

vai poucos anos, sessenta e quatro, falou que tinha casa pra morar aqui. Chegou aqui a gente acabou morando de favores nas casa dos outros, debaixo da mesa dos outros e passando até necessidade. Minha mãe trabalhava na Bienal, eu ia ajudar minha mãe na Bienal. Praticamente sempre eu ajudava ela. E como meu pai era uma pessoa que não era muito boa, ele se tornava às vezes uma pessoa meio agressiva. Ele batia ne mim pra pegar o dinheiro da minha mãe e eu não dava. E eu tomava coroa mesmo! Eu tomava coroa porque ele foi do exército, também tipo eu fui. Então ele batia ne mim pro causa do dinheiro da minha mãe e eu não dava pra ele. Ai quando minha mãe chegava era aquela briga por que ele batia ne mim. Mais não tinha retorno da minha mãe, praticamente do dinheiro pra dar pra ele. Era assim. Então, eu aprendi a roubar... meu pai me ensinou essa profissão”

Por detrás destas palavras, encontra-se a expressão do desencantamento de quem buscou a cidade e se deparou com os muros que demarcam as fronteiras existentes entre a cidade “invisível”, imaginária, idealizada, centrada no pensamento e a cidade concreta, real, verdadeira, sem solidariedade e desumana. A demarcação dessas fronteiras é medida por sentimentos de angústias, dores, descrenças, desesperanças, sonhos quebrados e de intenso e inimaginável sofrimento.

Dessa maneira, a ida para a cidade movida pelo sonho de viver num lugar imaginado por muitos dos entrevistados como se fosse o paraíso, transforma-se num ritual de passagem para uma vida infernal. Ilusões escorrem pelas calçadas, sonhos se desmancham por inteiro e a vida se torna ainda mais complicada.

4 - Lugares que evocam o passado

O encontro com a cidade faz com que muitas pessoas vivenciem um turbilhão de acontecimentos que, como detectamos no processo de pesquisa, não raro significa quebra de sonhos e confronto com suas ilusões. Mas, a cidade para essas mesmas pessoas, além de todos os sentidos aos quais nos referimos acima, possui muitos outros atributos e significados. Entre esses, destaca-se a potencialidade de fazer reviver o passado no presente. Isto ocorre porque a cidade é constituída de um conjunto de símbolos que, de certa maneira, estimulam a evocação do passado, com uma incrível capacidade de contribuir para que as pessoas retenham e guardem em suas memórias “o tempo que se foi salvando-o da perda total” (CHAUI, 1995, p.

125). Assim, as referências sobre vários espaços da cidade que aparecem nas narrativas dos entrevistados têm relevância não apenas por se tratar de espaços ocupados para a sua sobrevivência, mas, além disso, por ajudarem a suscitar a memória de diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram suas vidas em outros lugares.

Um ponto de partida é a narrativa de Evaldo Juarez de Oliveira⁸ quando este traz à tona as lembranças que guarda do tempo em que chegou a São Paulo.

“A cidade aqui, quando eu cheguei, foi em oitenta e cinco. Eu assustei! Outro lado eu já conhecia... pro lado do Rio de Janeiro. O que me assustou na cidade de São Paulo, foi quando eu cheguei na Praça da Sé. Eu cheguei na Praça da Sé, aí eu fui ver a Igreja da Sé. Porque lá em Pernambuco, em Olinda tem o Alto da Sé e eu queria conhecer a Sé daqui de São Paulo. Lá tem o Alto da Sé em Olinda e tem o Mosteiro São Bento, desceno no Alto da Sé. Aí eu fui lá, entrei na Catedral e assisti a missa. E era Dom Paulo Evaristo que tava rezando a missa. Eu num sabia que Dom Paulo era cardeal. Eu pensava que era um padre. Eu me assustei. Vi aquele chapéu diferente, num sabia que era cardeal arcebispo. Nunca vi Dom Helder com aquele chapuzão na cabeça. Ia à missa lá, mais com aquele chapuzão eu nunca vi Dom Helder.”

Como se pode observar, determinadas celebrações na Catedral da Sé são também acontecimentos expressivos da cidade. A Catedral, naturalmente atrai. Por se tratar de um templo religioso propicia a relação com a dimensão transcendental da vida. Além do mais, ao rememorar a visita à Igreja da Sé, Evaldo fala da coincidência de encontrar Dom Paulo Evaristo Arns⁹ que presidia a celebração da missa. Essa coincidência o faz voltar à sua terra natal e situar-se no tempo em que viveu Dom Hélder Câmara¹⁰, em Recife. Convém assinalar que tanto Dom Paulo, quanto Dom Helder são dois nomes muito lembrados, especialmente pelo nível de envolvimento, participação e defesa das camadas mais pobres das cidades, em

⁸ Evaldo Juarez de Oliveira nasceu em Recife em 30 de dezembro de 1961. Escolaridade: sétima série. Segundo afirma na entrevista, mora nas ruas de São Paulo há 25 anos. Entrevista realizada em 07 e 08 de setembro de 2014.

⁹ “Dom Frei Paulo Evaristo Arns, O.F.M., nasceu em Forquilha, em 14 de setembro de 1921. É um frade franciscano sacerdote católico brasileiro. Foi o quinto arcebispo de São Paulo, tendo sido o terceiro prelado dessa Arquidiocese a receber o título de cardeal. Atualmente, é arcebispo-emérito de São Paulo e protobispo do Colégio Cardinalício”. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Evaristo_Arns. Acesso em: 18/10/2015.

¹⁰ “Dom Hélder Pessoa Câmara OFS, nasceu em Fortaleza em 7 de fevereiro de 1909 e faleceu em Recife em 27 de agosto de 1999. Foi um bispo católico, arcebispo emérito de Olinda e Recife. Foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e grande defensor dos direitos humanos durante o regime militar no Brasil. Pregava uma igreja simples, voltada para os pobres e a não-violência. Por sua atuação recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Foi o único brasileiro indicado quatro vezes ao Prêmio Nobel da Paz”. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hélder_Câmara. Acesso em: 18/10/2015.

especial, no contexto em que se desenvolveu a chamada Teologia da Libertação na América Latina.¹¹

Outros fragmentos de memória que, em nosso entendimento, são significativos por expressarem o passado reconstruído no presente são os que foram narrados por Valter da Silva¹². Tal como Evaldo Juarez de Oliveira¹³, Valter da Silva se refere às igrejas da cidade de São Paulo como símbolos que aguçam em sua memória lembranças muito agradáveis de sua infância.

“Aqui em São Paulo, gosto de ir nas igrejas. Um dos lugares que eu mais gosto de ir é nas igrejas. Por que também eu tenho lembranças assim: tenho lembranças da minha tia que ela me levava muito quando eu era pequeno. Ela me levava muito na igreja católica e... era só.... (e silencia).”

Após respirar profundamente, o narrador prossegue afirmando em tom de intensa nostalgia que esse acontecimento específico, vivido no passado, *“era muito bom, muito bom mesmo! Quando eu fui na igreja aqui no Mosteiro da Luz... foi muito bom! Me trouxe lembranças da minha tia me levano na igreja. Cheguei a chorar. Nossa! Foi muito bom!”*

Valter da Silva¹⁴ se emociona quando vêm à tona, na memória, ternas imagens de sua tia.

“É porque na hora que eu sentei no banco assim, eu senti a minha tia me acariciano. Senti ela me acariciano, por que ela me levava pra igreja, muitas das vezes eu dormia na hora da missa (risos). Era muito novo, dormia e acordava no finalzinho da missa. Ela me acordano. Era muito bom! Gostava muito disso! Gosto muito disso. Dessas lembranças... de trazer essas lembranças dela.”

Fragmentos de memória como esses, fazem-nos pensar em duas categorias essenciais à definição da especificidade na perspectiva da História. São as categorias tempo, e espaço. Conforme esclarece Delgado, por meio dessas categorias é possível analisar “realidades

¹¹ Gustavo Gutierrez Merino (Lima, 08 de junho de 1928) teólogo peruano e sacerdote dominicano é considerado por muitos como o fundador da Teologia da Libertação”. Suas diversas obras são referências sobre esse tema. Cf.: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gustavo_Gutierrez_Merino. Acesso em: 18/10/2015.

Outra importante referência: SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra*: Bispos, militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

¹² Entrevista em: 27/08/2014.

¹³ Entrevista em: 29/08/2014.

¹⁴ Entrevista em: 27/08/2014.

espaciais específicas relacionadas a conjunturas temporais peculiares. Analisa-se um tempo ou outro tempo” (2010, p.34).

Dessa forma, nas histórias contadas por pessoas que vivem em situação de rua entrelaçam-se temporalidades variadas que se manifestam nos fatos da vida da rua propriamente dita, nas recordações delugares diversos por onde passaram, nas lembranças de suas raízes familiares, nos relatos dos acontecimentos cotidianos vividos na cidade e, ainda nos trajetos feitos até chegarem a ela.

Em geral, nas recordações afloram nomes de pessoas e de situações que, em determinadas circunstâncias de vida, foram de alguma maneira marcantes. É um dos aspectos que se extrai da história contada por Milton Jesuino de Barros¹⁵ ao trazer à memória o tempo em que chegou a São Paulo, junto com sua mãe e irmãos.

“Nós foi morar na Zona Leste, Itá Paulista, no centro que inclusive antigamente tinha um cinema. Hoje em dia é um Banco Santander lá. Aí a Maria de Zelão e Joselão que os dois eram esposo e deu uma cobertura pra nós oito. E eles na casa deles e a família deles nos ajudou bastante. Sendo que o Zelão já morreu e a dona Maria, num sei se é viva ainda.”

Das narrativas se extrai, portanto, uma variedade de vivências detentoras de possibilidades de análises diversas, quase inesgotáveis, pois nelas emergem lembranças de lugares tais como praças, calçadas, igrejas, pátios, prédios, construções inacabadas, viadutos, bueiros, ruas, as feiras, centros comerciais, cinemas, bancos, enfim lugares e pessoas inumeráveis que nos permitem viajar por diferentes tempos da História e perscrutar diversas conjunturas. Envolvidas no contexto da grande cidade, as vivências dessas pessoas se multiplicam e tomam formas ainda mais plurais.

A grande cidade possui elementos fascinantes que em cidades de pequeno porte não se encontram. É em grandes cidades, que, por exemplo, um conteúdo factual histórico como a circulação de um intenso fluxo de mercadorias do mercado mundial, acontece. Conforme explicita Bolle, evidentemente numa cidade como São Paulo isso se torna notável, por exemplo, nas vitrines da metrópole, o consumidor, tratado “como um príncipe, tem a seus pés a abundância das mercadorias de todos os países do mundo” (BOLLE, 2000, p. 29).

¹⁵Entrevista em: 28/08/2014.

Mas além das vitrines da metrópole, existem outros espaços de circulação de mercadorias. Esses espaços fluem nas recordações de Evaldo Juarez de Oliveira¹⁶ de forma um tanto atraentes por diferentes razões. Num tom melancólico e nostálgico Evaldo afirma: “*O que mais me prende à cidade de São Paulo aqui é...*” Após curto espaço de silêncio, como se estivesse com um nó preso à garganta, Evandro expressa: “*Voute falar a verdade: é o espaço das feiras livres. Nas feiras livres... Meu pai também trabalhava nas feiras. Eu vivi muito de feiras.*”

O passado aqui se faz presente quando nosso narrador recorda-se ter vivido muito de feiras, ressaltando as lembranças do pai que foi feirante.

O dinamismo característico de uma feira livre também evidencia-se de tal forma na narrativa que nos faz situar no ambiente narrado. Assim Evaldo Juarez de Oliveira¹⁷ lembra um dos fatos mais marcantes da feira:

“Aquele gritaria da feira: -Ah! compra isso aqui! Compra aquilo ali! As feiras-livres, quando eu olho assim direito, isso me prende. Tem muitos lugares que também tem muitas feiras-livres. Mais... feiras-livres. Eu gosto mesmo é das feiras-livres aqui em São Paulo”.

Aqui se encontra uma demonstração de como essas pessoas vão se apropriando dos espaços da cidade, ou se reconhecendo neles. Ao mencionar as feiras livres como um dos espaços mais atraentes presentes tanto nas periferias como em áreas nobres das cidades—o mesmo narrador acima citado deixa transparecer que nesses lugares se vivencia a experiência da liberdade, como denota a própria denominação de feiras livres.

“Porque ali cê escolhe o que cê quer. É mais diferente do que no supermercado. O cara, lá, baixa o preço. No supermercado, o preço é aquele lá do supermercado. É aquele que tá lá. Tá em código de barra, é aquele que tá lá mesmo no supermercado. Na feira livre não. O feirante vende por um preço agora, daqui há pouco vende por outro. – Então, tabão! Vou fazer por isso! E você acaba levando. Aí você negocia! É um rolo! Então, isso aí me prende. Vou comprar um negócio aí no supermercado? – Não! Vou pra feira! Vou pra rua! A feira é a rua.”

Nas feiras há, de fato, possibilidade de negociação de preços dos produtos, diferentemente do que acontece em centros comerciais como hipermercados e sacolões. Com a possibilidade de negociar amplia-se, obviamente o nível das relações entre os diferentes

¹⁶ Entrevista em: 07 e 08/07 de 2014

¹⁷ Ibidem.

sujeitos sociais envolvidos na dinâmica desses espaços. Por estas e tantas outras razões, certo é que as feiras livres são espaços privilegiados não somente por se tratar de um espaço de abastecimento, sobretudo, de populações mais pobres, mas ainda pelos elementos culturais que aí são cultivados e preservados. Observamos ainda que o narrador afirma preferir a feira ao supermercado. Tudo leva a crer que essa preferência se dá por uma razão especial: o fato de tratar-se de um espaço de maior proximidade com a rua. A própria forma de organização das feiras já diz muito do que aqui estamos afirmando. Em geral, as pessoas independentemente de qual classe econômica ou social pertençam têm certa liberdade de transitar por esses espaços.

Entretanto, é preciso acentuar que tal como tantos outros espaços do mercado capitalista as feiras livres funcionam com o mesmo objetivo que é fundamentalmente a venda de mercadoria, em vista da acumulação de lucros. Por esta razão, a liberdade que se afirma experimentar nesses espaços deve ser considerada com cautela. Trata-se de uma liberdade relativa, pois nem todos detêm condições econômicas para exercerem o poder de compra e adquirirem os produtos que em tais espaços são disponibilizados para serem comercializados. Exemplo disso é o fato de muitas pessoas, em situação de extrema pobreza sobreviverem das sobras, dos restos que são coletados depois de serem descartados porque não servem para serem vendidos e, por alguns, julgados como impróprios para serem consumidos.

5 - À guisa de conclusão

Pelo que observamos no conjunto das narrativas e em todos os aspectos aqui analisados podemos afirmar, - parafraseando Ecléa Bosi - que as pessoas que vivem em situação de rua, em São Paulo, “têm a cidade na palma da mão” (2014, p. 51). De forma metafórica podemos dizer que elas carregam em suas mochilas “um mapa afetivo da cidade” (ibidem). Suas histórias individuais se misturam com as histórias das ruas e das calçadas onde dormem e dos diversos lugares por onde percorrem no cotidiano, galgando as trilhas da sobrevivência. Desses lugares todos é possível revisitar, em lembranças parte do seu passado e do passado da cidade.

6 - BIBLIOGRAFIA

BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. A aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- BOLLI, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: Edusp, 2000.
- BOSI, Ecléa. Narrativas sensíveis sobre grupos fragilizados. Entrevista: Mariluce Moura. Disponível em: revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2014/04/046-053_entrevista_218.pdf?6c6e6e.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. Nas ruas, os caminhos da cidade. In: *Cadernos de História – A Casa e a Rua*. Museu Paulista da Universidade de São Paulo. São Paulo. São Paulo, n.2, jan-dez.1993, pp.27-38.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.
- CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.
- CANTINHO, Maria João. *O Anjo Melancólico: Ensaio sobre o conceito de alegoria na obra de Walter Benjamin*. Coimbra: AngelusNovus, Ltda, 2002.
- COSTA, Cléria Botelho e BARROSO, Eloísa Pereira (orgs.). *Diferentes olhares sobre a Cidade*: Brasília: UnB, 2015, pp. 29-58.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. 2ª. Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FREITAS, Maria Vany de Oliveira. *Entre Ruas, Lembranças e Palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PUC-MINAS, 2005.
- FRUGOLI Jr., Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- FRUGOLI Jr. Heitor. *São Paulo: Espaços Públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin não pode ser mais um fetiche cultural. Entrevista: Paulo Carvalho. 26 de janeiro de 2015. Disponível em:



WWW.suplementopernambuco.com.br/...1343-walter-benjamin-nao-pode-ser-mais-um-fetich-cultural. Acesso em: 25/09/2015.